

Entre revolução e tirania: David como herói alienado em *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane

Between Revolution and Tyranny: David as an Alienated Hero
in *O Sétimo Juramento* by Paulina Chiziane

DOI: <https://doi.org/10.21747/30517036/seb2a4>

Ibrahima Dieme

Université Clermont Auvergne

ibrahima.dieme@etu.uca.fr

Recebido: 12/01/2026

Aceite: 06/06/2026

RESUMO: Este artigo analisa David como herói alienado e problemático em *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane, à luz da alienação e da reificação marxistas. A trajetória da personagem mostra como a ascensão social, inicialmente associada ao ideal revolucionário, conduz à reprodução das estruturas de dominação que pretendia combater. A alienação de David manifesta-se nas relações com os operários, a comunidade e o Estado. Desse modo, o romance expõe as contradições do Moçambique pós-independência, marcado pela desigualdade, pela colonialidade do poder e pela desumanização produzida pelo capitalismo periférico.

PALAVRAS-CHAVE: alienação; reificação; colonialidade do poder; opressão socioeconómica; crise pós-colonial; herói problemático.

ABSTRACT: This article analyses David as an alienated and problematic hero in Paulina *O sétimo juramento* by Paulina Chiziane, drawing on Marxist concepts of alienation and reification. It argues that David's social rise, initially linked to revolutionary ideals, leads him to reproduce the structures of domination he once opposed. His alienation appears in his relations with factory workers, the community, and the state. Thus, the novel exposes the contradictions of post-independence Mozambique, marked by inequality, the coloniality of power, and the dehumanization produced by peripheral capitalism.

KEYWORDS: alienation; reification; coloniality of power; socioeconomic oppression; post-colonial crisis; problematic hero.

Introdução

A personagem David, no romance *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane, constitui uma das representações mais complexas da crise identitária e social do Moçambique pós-independência. Longe de encarnar o herói tradicional, íntegro e coerente, David surge como sujeito fracturado, dividido entre o ideal revolucionário que o formou e as estruturas de poder que o moldam e corrompem. A sua trajectória revela um processo profundo de alienação económica, social e psicológica, que o transforma simultaneamente em vítima e agente da opressão. Para compreender essa dinâmica, este artigo apoia-se na teoria marxista da alienação e da reificação, formulada por Karl Marx e desenvolvida por Georg Lukács, que permite analisar como o indivíduo perde o controlo sobre a sua acção e se converte em instrumento de forças sociais que o ultrapassam.

No contexto moçambicano, marcado pela guerra civil, pela desigualdade estrutural e pela persistência da colonialidade do poder, a ascensão de David não representa libertação, mas sim a reprodução das mesmas formas de tirania que antes combatia. A sua relação com os operários, com a comunidade e com o Estado revela a permanência de mecanismos de exploração e dominação que atravessam o período pós-colonial. Assim, a figura de David torna-se emblemática de um sistema que desumaniza, fragmenta e transforma sujeitos em engrenagens de uma máquina social opressiva. Ao analisar este percurso, este artigo procura demonstrar que David encarna um herói problemático e alienado, cuja crise pessoal reflecte as contradições históricas, económicas e políticas que estruturam a sociedade moçambicana contemporânea.

Esta leitura dialoga também com Inocência Mata, para quem o romance pode ser compreendido como uma alegoria sobre o preço do poder, mostrando que a conquista da autoridade política e económica não garante necessariamente a libertação dos sujeitos, podendo antes revelar novas formas de sujeição e violência simbólica (Mata, 2001). Do mesmo modo, os estudos de Conte e Costa permitem interpretar o pacto espiritual presente na narrativa como metáfora das contradições do pós-independência, em que o feitiço e o contra-feitiço funcionam como imagens da disputa entre tradição, poder e corrupção. Como afirmam os autores, “A partir deste efeito literário, a narrativa é redimensionada na percepção do leitor, que vê uma nova perspectiva para cada fato da trajetória do protagonista” (Conte & Costa, 2018, p. 342).

Nesse sentido, Inocência Mata sublinha a dimensão extrema do pacto que estrutura o percurso de David ao afirmar que “O sétimo juramento, porém, exige muito mais do que a obediência aos princípios e valores do sistema: exige sacrifícios de sangue da família, afinal o ‘rebanho onde se escolhem as vítimas

para os sacrifícios dos deuses''' (Mata, 2001, p. 189). Esta leitura permite compreender que o poder, no romance, não se limita à ascensão social ou à autoridade política: ele exige a destruição dos laços afectivos e familiares que ainda poderiam ligar David a uma ética comunitária. Assim, o pacto sacrificial evidencia a profundidade da sua alienação, pois o protagonista aceita submeter a própria família à lógica violenta da dominação para preservar o seu lugar no sistema.

Alienação e opressão socioeconómica

Ao longo da narrativa de Paulina Chiziane, várias temáticas adquirem forte valor simbólico em relação aos acontecimentos da sociedade moçambicana da época. Perante a situação dramática vivida pelas personagens, constata-se uma desconexão profunda entre a classe oprimida e a classe dominante, o que evidencia a alienação, entendida aqui como uma relação mais vinculada à mercadoria do que ao humanismo. Nesse contexto, o termo pode referir-se à transferência de posse, de propriedade ou de um direito de uma pessoa para outra, realizada por meios como a venda, a cessão ou a doação. No âmbito jurídico, a alienação pode assumir formas específicas, voluntárias ou forçadas. Num sentido psicológico, pode ainda designar o distanciamento ou o isolamento de um indivíduo em relação ao seu ambiente ou às outras pessoas.

Tendo esta definição em conta, torna-se fundamental estabelecer um paralelo com a forma como David é alienado ao longo da narrativa. Para isso, é necessário considerar primeiro a dimensão colectiva da alienação que afecta as personagens, para depois se observar o caso particular de David. No que diz respeito às acções das personagens em movimento, os operários são os primeiros a sofrer este flagelo, consequência directa do sistema capitalista imposto pelos portugueses antes e depois da independência. Os trabalhadores, que sempre lutaram pela liberdade e pela melhoria das suas condições de vida, encontram-se presos numa economia perpétua que favorece exclusivamente a classe alta:

Reina o espectro da morte sobre os homens que caminham apressados nas estradas da cidade grande, mas estes a ignoram. Sonham. Desejam casar mais esposas e ter mais filhos para que as gerações continuem por toda eternidade. As mulheres pensam nos filhos, operários de amanhã. Nos jovens o sonho de futuro desperta raivas escondidas. Para conquistar o amanhã é preciso arregaçar as mangas para vencer a batalha de hoje (Chiziane, 2000, pp. 13-14).

Neste excerto, Chiziane mostra a precariedade urbana e a exploração das classes populares. O "espectro da morte" simboliza a ameaça permanente que

pesa sobre os trabalhadores, enquanto os “operários de amanhã” revelam a continuidade geracional da opressão.

David, um homem desumanizado e novamente movido por ambições pessoais, torna-se instrumento do sistema. Encontra-se inserido numa estrutura de poder que depende de compromissos destrutivos. Para consolidar a sua posição, precisa de abdicar do que lhe é mais caro: a família. Esta dependência das estruturas de dominação económica transforma-o num agente do poder, incapaz de escapar às imposições das elites. Ele simboliza, assim, a metamorfose em figura opressora. A sua alienação social intensifica-se à medida que passa a reproduzir as injustiças que antes combatia, tornando-se símbolo da perpetuação da opressão.

Outro aspecto do isolamento de David relaciona-se com a alienação social. Após sofrer as pressões do sistema político que o obriga a obedecer às suas leis, é levado a dirigir um discurso retórico aos membros da empresa, explicando-lhes a situação extremamente complexa que enfrenta. Contudo, estes não acreditam nele, acusando-o de traição. David fica confuso, sem solução concreta, pois o sistema burguês força-o a apropriar-se de dinheiro para ascender socialmente e esquecer a causa operária. Psicologicamente abalado, sente-se sem consolo, separado de si mesmo e do seu ambiente. Perde o contacto com a realidade, revelando uma percepção distorcida de si e dos outros. É neste estado de desconexão que os operários passam a vê-lo como inimigo da revolução:

— És negro — diz a mulher gorda. — Vieste do nosso ventre e amamos-te. Significavas para nós a geração de escravos que se libertou. Eras o nosso orgulho. Com os teus olhos víamos o mundo que nos fora negado ao longo dos séculos. Quando viajavas para o estrangeiro rezávamos por ti porque eras a nossa presença na história do mundo. Eras a cultura que sempre sonhamos ter, mas que a história nos negou. Abandonaste-nos. És tirano. — Por favor, não exagerem. Sou revolucionário, todos sabem disso. Sou democrata, jamais serei tirano. — Para nós, hoje, a revolução é a versão proletária da tirania. O capitalismo é a versão mais subtil da mesma tirania. Tudo é tirania (Chiziane, 2000, pp. 72-73).

O trecho revela a contradição entre a imagem que David conserva de si e a percepção da comunidade. Antes símbolo de libertação, ele passa a ser visto como tirano. A alternância entre a acusação colectiva e a defesa do personagem expõe a tensão entre revolução, capitalismo e novas formas de opressão.

Nesta perspectiva, Georg Lukács aborda a noção de alienação e de reificação na sua obra *História e consciência de classe*. O autor adopta a ideia marxista de que a alienação ocorre quando os indivíduos perdem o controlo

sobre os produtos do seu trabalho, que passam a confrontá-los como forças estranhas. No capitalismo, as relações humanas são profundamente transformadas em relações entre coisas, nomeadamente através das mercadorias e do mercado. Isto significa que o ser humano se aliena de si próprio, do seu trabalho e das suas relações sociais. Tal condição não é natural: resulta de um sistema económico que coloca objectos e processos acima dos seres humanos.

Objectivamente, surge um mundo de coisas acabadas e de relações entre coisas (o mundo das mercadorias e seu movimento no mercado), cujas leis são, é verdade, gradualmente reconhecidas pelos homens, mas que, mesmo neste caso, se opõem a eles como outros tantos poderes intransponíveis, produzindo por si mesmos seu pleno efeito (Lukács, 1960, p. 93).

A noção de leis como forças intransponíveis reflecte a crítica de Lukács à alienação económica. No romance, David prende-se a pactos e compromissos que o afastam da sua identidade e da comunidade. Termos como “poder”, “opressão” e “tirania” sintetizam a sua transformação em agente da mesma dominação que antes combatia.

Injustiças sociais e reprodução da tirania

No romance *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane, David é uma personagem ambivalente e a figura central em torno da qual a narrativa se constrói, um sujeito complexo confrontado com múltiplas formas de injustiça social. Trata-se de um homem politicamente influente, símbolo da elite moçambicana que participou na luta pela libertação do país. Ao longo de toda a narrativa, ele depara-se com dilemas sociais cujas origens remontam ao período anterior à independência. Este é, aliás, um tema estruturante que atravessa o romance e evidencia as desigualdades profundamente enraizadas na sociedade moçambicana pós-colonial.

As aspirações das classes mais oprimidas são frequentemente ignoradas, o que gera uma desilusão profunda e persistente. Esta realidade manifesta-se logo no início do capítulo I, através da descrição dos moradores da cidade, cuja vida quotidiana reflecte a precariedade, a violência e a ausência de perspectivas que caracterizam o contexto social retratado por Chiziane:

A ilusão de um amanhã melhor há muito murchou, por isso o msaho morreu em Zavalá. Por todo o lado impera a força das armas e a pirataria das armas. Evaporou-se a água que refresca os destinos da humanidade, tudo é fogo. Mulher e homem, forte e fraco, fogo e água, desfilam em círculo como as estações do ano. Morre um e vem o outro, nunca caminhando juntos para a harmonia da natureza. As palavras fome, guerra, greve, fuga, massacre, roubo, desgraça fazem hoje o discurso da

maioria. Os passos dos homens já não são desfiles serenos, mas marchas de protesto. As palavras poder e revolução soam como maldição nos ouvidos ensurdecidos pela violência das explosões em nome da democracia (Chiziane, 2000, p. 11).

O trecho apresenta uma visão crítica da realidade social e política. Metáforas, antíteses e enumerações intensificam a sensação de caos: “tudo é fogo” resume a destruição, enquanto “fome, guerra, greve, fuga, massacre, roubo, desgraça” reforça o desespero colectivo.

Nesse sentido, a leitura de De Melo Junior é pertinente, pois evidencia que *O sétimo juramento* articula tensões entre género, religião e discurso, revelando como a narrativa não separa a crise política das formas simbólicas e culturais que estruturam a sociedade moçambicana. A presença dessas tensões amplia o alcance crítico do romance, fazendo com que a trajetória de David seja lida não apenas como drama individual, mas como resultado de conflitos colectivos que atravessam a organização social. Essa dimensão torna-se mais clara quando De Melo Junior afirma:

Podemos perceber, na fala de David, uma postura ativamente responsiva de aceitação aos discursos religiosos que engendram a submissão da mulher ao sujeito masculino, especialmente quando levamos em consideração o mito da criação do universo segundo o Gênesis (De Melo Junior, 2018, p. 14).

A citação mostra que a alienação de David não é apenas económica ou política: ela também se manifesta na aceitação de discursos religiosos e patriarcais que naturalizam a subordinação feminina. Assim, o romance articula a crítica ao poder pós-colonial com a denúncia das hierarquias de género.

A crítica à corrupção ocupa lugar central na narrativa. O pacto com Makhulu Mamba pode ser lido como metáfora dos dirigentes que sacrificam valores éticos em troca da manutenção do poder. Assim, a tradição espiritual não aparece como simples superstição, mas como linguagem simbólica para pensar a crise política e moral.

A presença da feitiçaria, dos rituais e das forças espirituais não deve ser reduzida a superstição, mas compreendida como parte de um universo simbólico que questiona a modernidade colonial e os seus critérios de racionalidade. Nesse sentido, o pacto com Makhulu Mamba funciona como metáfora da crise ética do poder, revelando que a ascensão social de David depende de uma ruptura progressiva com os valores comunitários.

— Falas com tanta certeza! Sabes de alguma coisa? — Sei das coisas da vida. É no ventre da mãe que o filho dá o primeiro coice, para experimentar a força dos músculos. No peito da mãe se dá a primeira dentada, para experimentar a força dos dentes. Aos ouvidos da mãe se lança o primeiro insulto, para ensaiar a força da palavra. — Não é bem assim... — Devia ter mais cautela, senhor director. Devia ter mais reserva; o senhor dá demasiada confiança aos subordinados, senhor director. A desconfiança é coisa boa de vez em quando (Chiziane, 2000, p. 36).

O discurso directo intensifica a tensão entre David e Cláudia. As imagens do ventre, do peito e da palavra apresentam a vida como aprendizagem de força e resistência, enquanto a advertência sobre a desconfiança revela a lógica de suspeita que domina as relações de poder.

A colonialidade do poder permite compreender a trajectória de David como permanência das estruturas coloniais no período pós-independência. A sua ascensão social não elimina as lógicas de exploração herdadas do passado; pelo contrário, leva-o a reproduzir nas relações laborais a mesma tirania que antes denunciava. A crítica torna-se evidente na forma como os operários interpretam a sua transformação:

O primeiro aspecto da colonialidade do poder denunciado no livro pode ser percebido a partir das relações do personagem principal com o trabalho, os funcionários da fábrica e as circunstâncias que o levaram à ascensão profissional. Enquanto ativista pela independência de Moçambique, David lutou contra a opressão, venceu e, após a vitória e sua escalada social, reproduziu em suas relações, empregado-patrão, toda a tirania e exploração que sofreu em suas relações com os empregados da fábrica (Conte, Weimer & De Paula, 2019, p. 19).

A citação confirma que a colonialidade do poder permanece activa quando o antigo sujeito oprimido passa a ocupar o lugar do opressor. No caso de David, essa permanência manifesta-se quando ele reproduz nas relações laborais os mecanismos de exploração que antes combatia.

Pressão social e política na ascensão de David

Durante séculos de dominação portuguesa, a sociedade moçambicana viu a sua liberdade restringida, e as estruturas coloniais deixaram marcas profundas de desigualdade. Após a guerra civil (1977-1992), a destruição de escolas, hospitais, estradas e vias ferroviárias agravou o isolamento das populações e acentuou as diferenças entre zonas rurais e urbanas.

Esta realidade encontra eco na obra, quando os operários já não alimentam esperança de mudança nos seus locais de trabalho e se veem obrigados a lutar continuamente pela própria sobrevivência.

Hoje o locutor diz que a guerra vai acabar. Fala com convicção, talvez alguém lhe tenha dado garantias. A multidão de homens não lhe escuta, caminha, porque mesmo terminando a guerra das armas, continuará a guerra do pão e dos direitos do homem. Agora o locutor fala da greve. O operário aumenta o volume. Os homens interrompem a marcha e escutam. “Na Companhia Nacional Indústria Açucareira morreram quatro homens em confrontos com a polícia. O director-adjunto da empresa foi gravemente ferido pelos grevistas. O diferendo já foi ultrapassado com vitória para os grevistas, que receberão cinquenta por cento de aumento salarial.” Os homens retomam a marcha entristecidos, porque todas as greves têm o mesmo balanço: humilhação, luta e morte. Os cinquenta por cento de aumento são uma falsa conquista, porque serão novamente arrebatados pela subida do preço do pão (Chiziane, 2000, p. 13).

O excerto tem tom melancólico: a conquista salarial revela-se ilusória, pois é anulada pelo aumento do preço do pão. A repetição de “humilhação, luta e morte” resume a experiência operária e reforça o ciclo de frustração social.

A resiliência e a solidariedade também estruturam a narrativa. As mulheres, em particular, aparecem como figuras de reconstrução comunitária e resistência, embora sejam igualmente atingidas pelas violências sociais e patriarcais.

Esta leitura permite aprofundar a representação do feminino no romance. Como observa Ucano:

Nota-se também a encenação de superação quotidiana do feminino, que antes a mulher era vista como um simples objeto de satisfação sexual e depois conhecem outras estratégias para contornar o peso da sua condição subalterna (Ucano, 2024, p. 163).

Assim, a condição feminina em Chiziane não se limita à vitimização: revela também práticas de resistência e adaptação diante das estruturas patriarcais e pós-coloniais. A superação quotidiana das mulheres amplia a crítica social do romance, mostrando que a luta contra a opressão atravessa tanto o espaço público como o privado.

É precisamente nesse ponto que a condição feminina se articula com a alienação de David: ao aceitar e reproduzir discursos que naturalizam a subordinação da mulher, ele confirma que a sua ruptura com os ideais emancipatórios não se limita ao domínio económico, mas atinge também as relações afectivas, familiares e simbólicas. A mulher, tal como o operário, passa

a ser percebida dentro de uma lógica de utilidade e submissão, o que evidencia a profundidade da sua transformação em agente da dominação.

David encontra-se preso num sistema amplamente criticado: o capitalismo, entendido como a causa estrutural destes problemas, ao provocar um desequilíbrio profundo na repartição dos recursos colectivos. Karl Marx, na obra *O Capital: Crítica da Economia Política*, demonstra que a exploração económica está no centro do capitalismo, sustentada pela teoria do valor-trabalho. Marx explica que o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho necessária à sua produção; contudo, no capitalismo, os trabalhadores não recebem o valor real do seu trabalho, sendo privados da mais-valia que produzem:

A transformação do dinheiro em capital exige, portanto, que o dono do dinheiro encontre no mercado do trabalho o trabalhador livre, e livre sob um duplo ponto de vista. Primeiro, o trabalhador deve ser uma pessoa livre, que dispõe à vontade de sua força de trabalho como se fosse sua própria mercadoria (Marx, 1969, p. 172).

Esta ideia relaciona-se directamente com a pressão social exercida pelos operários sobre David. Aquele que antes lutara contra a opressão colonial acaba por reproduzir a mesma lógica de exploração ao tornar-se patrão. Ao reivindicarem melhores condições de trabalho, os operários enfrentam a mesma dinâmica capitalista descrita por Marx: são formalmente livres para vender a sua força de trabalho, mas essa liberdade é apenas aparente, pois dependem do sistema para sobreviver. A greve mencionada no romance reflecte esta realidade: lutam por melhores salários, mas qualquer conquista é rapidamente anulada pelo aumento do custo de vida.

Isto evidencia como o capitalismo mantém os trabalhadores num ciclo contínuo de exploração. Os seis meses de salários em atraso explicam a pressão sobre David e o ultimato de três dias imposto pelos operários, colocando em risco o seu cargo de director-geral.

Não consegue acabar a frase. Fuma e pensa. Pensa e fuma. O comportamento popular é igual em todos os povos do mundo. Estes operários rebelaram-se contra a administração colonial. Hoje rebelam-se contra os libertadores da pátria, ingratidão típica dos filhos de Israel. O povo é vento que corre para qualquer lado, uma massa anónima que não sabe o que quer. Dez anos durou a luta da independência para libertar a terra. Hoje, o país tem a sua entidade, liberdade, estatuto, soberania (Chiziane, 2000, p. 34).

As frases “Fuma e pensa. Pensa e fuma” traduzem a angústia de David. A metáfora do povo como “vento” ou “massa anónima” revela a visão elitista que

ele passa a ter da comunidade, confirmando o seu afastamento dos ideais revolucionários.

Esse afastamento revela a contradição central da personagem: David continua a invocar a libertação nacional, mas já não reconhece a legitimidade das reivindicações populares. A sua visão do povo como “massa anónima” confirma a perda de identificação com a comunidade e aprofunda a sua imagem de herói problemático, dividido entre a memória revolucionária e a prática autoritária.

Conclusão

A análise do percurso de David em *O sétimo juramento* mostra como Paulina Chiziane articula literatura, crítica social e memória histórica para expor as contradições do Moçambique pós-independência. As formas de alienação económica, social, política e psicológica revelam como um antigo combatente da libertação se transforma em instrumento das estruturas de opressão que antes combatia.

O estudo evidencia que a alienação de David não é apenas individual, mas estrutural. A exploração dos operários, a corrupção institucional, a crise económica e a persistência da colonialidade do poder configuram um cenário em que a ascensão social não garante emancipação, mas reproduz desigualdades e novas formas de tirania.

Assim, David emerge como herói problemático e alienado, símbolo das tensões entre liberdade prometida e injustiça persistente. Ao construir esta figura contraditória, Chiziane denuncia a fragilidade das utopias pós-coloniais e sugere que a verdadeira libertação permanece um projecto inacabado.

Referências

- Chiziane, P. (2000). *O sétimo juramento*. Lisboa.Caminho.
- Conte, D., & Costa, J. R. da. (2018). *O sétimo juramento: Metáforas para um (contra)feitoço no pós-independência*. Scripta Uniandrade, 16(2), 330–346. <https://doi.org/10.5935/1679-5520.20180040>
- Conte, D., Weimer, S. F. M., & De Paula, T. V. (2019). *A colonialidade do poder na obra “O sétimo juramento”, de Paulina Chiziane*. Revista Digital Estudos Históricos, 21, 1–19.
- Lukács, G. (1960). *Histoire et conscience de classe: Essais de dialectique marxiste* (K. Axelos & J. Bois, Trad.). Éditions de Minuit.
- Mata, I. (2001). *O sétimo juramento, de Paulina Chiziane: Uma alegoria sobre o preço do poder*. Scripta, 4(8), 189.

- Melo Junior, O. M. B. de, & Ferreira, W. D. (2018). O sétimo juramento, de Paulina Chiziane: Uma análise diálogo-discursiva das tensões entre gênero e religião. *Contexto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES*, 34, 187–213. <https://doi.org/10.47456/contexto.v1i34.20530>
- Marx, K. (1969). *Le capital : Critique de l'économie politique* (J. Roy, Trad.). Éditions Sociales.
- Ucano, E. C. J., & Jorge, N. B. B. de S. (2024). Cruzamento multicultural na obra “O sétimo juramento”, de Paulina Chiziane. *NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, 4(Especial II), 150–168.